

A imagem da mulher medieval em *O Sonho* (1399) e *Curial e Guelfa* (c.1460)

Ricardo da Costa
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona

Armando Alexandre dos Santos
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

1. Na base da sociedade

O detalhe da cena de trabalho camponês da iluminura do mês de junho das *Mui Ricas Horas do Duque de Berry* (séc. XV, imagem 1) é bem conhecido: no primeiro plano, duas jovens e esbeltas camponesas descalças trabalham no campo, espalhando o feno para secagem. É verão às margens do Sena. Com os tornozelos à mostra e de mangas arregaçadas, cobrem suas cabeças com panos brancos, para se protegerem do Sol. Abatidas –percebe-se o olhar cansado de ambas– elas contribuem na labuta cotidiana.

O belíssimo e refinado traço dos irmãos Limbourg (c. 1380-1416), iluministas desse notável documento imagético, não nos deve iludir e fazer com que pensemos que o cotidiano campesino não era como figuram na cena: no mundo medieval das camadas mais baixas da população, todos, homens e mulheres, trabalhavam. Sim, elas também. A mulher estava presente em todas as atividades do dia-a-dia. Naquele mundo rural, cozinhavam (fabricavam cerveja e pão), fiavam, limpavam a casa, costuravam as roupas de toda a família e, sempre que possível, dividiam o trabalho fora de casa (tosquiando, ordenhando, ceifando etc.).¹ Praticava-se a *ética da reciprocidade conjugal*: o casamento era uma *arma* solidamente assentada na fidelidade (*fides*) e no auxílio mútuo (*adjutorium*) (Toubert, 87-88). Por isso, Robert Fossier (1927-) está convencido de que a mulher do século XIII, solteira, casada ou viúva, nada ficava a dever à do século XVIII, menos ainda à do século XX (Fossier, 104-106).²



imagem 1

¹ Para a imagem da mulher camponesa medieval, ver especialmente Freedman (163-173).

² Para uma boa visão do mundo camponês (e a condição feminina) do *Ancien Régime*, ver Le Roy Ladurie (2007, vol. 1: 108-118, e vol. 2: 219-240).

O mundo era rude. Para os nossos padrões comportamentais, a civilização era grosseira, tosca. Os hábitos também eram rudes, principalmente nas camadas inferiores. No século XIII, em Montaignou, no Meio-Dia-Pirineus, sul da França, os hábitos camponeses eram brutais: os maridos espancavam regularmente suas esposas, e a ofensa mais comum era chamá-las de “porca”! (Le Roy Ladurie 2008, 245-258) Sinal da pouca penetração dos hábitos cortesões entre o campesinato.

Isso está bem patente em um *fabliau* (“O camponês médico”) que conta a história de um rico e avarento camponês que se casou com a bela e bem educada filha de um cavaleiro. Após as bodas, o camponês se arrependeu de ter aceitado o conselho dos amigos para casar, pois pensou que a esposa cedo ou tarde o trairia com o sacristão. Passou então a surrar regularmente sua mulher, vendo nisso uma forma de conservá-la:

[...] com a palma da mão / que era grande e larga / bateu na cara da mulher / que ficou com os dedos marcados; / depois agarrou-a pelos cabelos / o vilão, sem nenhuma piedade / e bateu-lhe exatamente / como se ela bem o merecesse. / Depois foi-se, lavrar os campos / e ela começou a chorar [...]

De manhã o vilão nojento / voltou a maltratar a mulher / que por pouco não a aleijou. / Depois foi para o campo lavrar / e ela começou a chorar. (Le Roy Ladurie 2008, 245-258)

O tratamento começou a mudar nas camadas superiores, embora a “descoberta” da *cortesia* no século XII não se tenha difundido de imediato por todo o corpo social (Costa & Coutinho). Pelo contrário, foi um processo lento e cheio de reveses. Como a cristianização da Europa, só efetivada “plenamente” no período moderno.³ Contudo, quando da redação de *Lo somni* (1399) e *Curial e Güelfa* (séc. XV), o costume do tratamento cortês e refinado da mulher já estava razoavelmente assentado na nobreza, como veremos.

2. Nos extratos sociais superiores

Para Georges Duby (1919-1996), o desabrochar do *amor cortês* não representou uma significativa melhoria na condição feminina em relação à masculina, pelo simples fato de que também houve uma ascensão da condição masculina (Duby s/d). Todos, eles e elas, se civilizaram. De nossa parte, somos mais favoráveis à tese de que o *amor cortês* propiciou uma melhoria substantiva na condição feminina. Pensamos que, na sociedade medieval do século XIII, como no jogo de xadrez, a mulher passou a ocupar posição muito melhor do que antes.

De fato, no xadrez medieval, o grão-vizir do rei –personagem original do xadrez indiano– foi substituído pela *Alferza*, a Rainha, ou a Dama (imagem 2) (Para o xadrez medieval ver Lauand). É, do ponto de vista estratégico, a peça mais importante do jogo. É a única que tem total liberdade de mover-se em todos os sentidos, na diagonal ou em linha reta, para frente ou para trás.

A ideia de relacionar vida social e a posição da mulher medieval com o xadrez não é nova: a medievalista María Jesús Fuente Pérez inicia (e conclui) seu notável livro *Reinas Medievales en los reinos hispánicos* com essa poderosa metáfora (Jesús Fuente).

Seja como for, o fato é que o *amor cortês* alterou substancialmente as relações entre os sexos. A partir de então, o mundo, pelo menos nas camadas sociais mais elevadas, não foi mais o mesmo. E isso está muito bem expresso na arte. Como as representações

³ Duas obras são absolutamente fundamentais para se entender o processo de cristianização da Europa: *Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]* (Veyne) e Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, e *Cristianismo e Paganismo, 350-750. A conversão da Europa Ocidental*. (Hillgarth).

dos camponeses, o amor está presente em toda a parte: em iluminuras, esculturas, tapeçarias, vitrais, arte em miniatura.⁴



imagem 2. Detalhe de uma peça de um jogo de xadrez de mármore (Rainha, c. 1150-1200) proveniente de Trondheim, Noruega (Escandinávia). No xadrez medieval, a Rainha manteve o *papel consultivo* da peça original do jogo, o grão-vizir. Talvez por isso ela esteja aqui com um olhar tão pensativo, perplexo, estupefato.

Por exemplo, há vários espelhos femininos, ou melhor, partes posteriores de espelhos medievais, em que o tema do amor, da *corte do amor*, é expresso, como o reverso de marfim (com resquícios de policromia) de um belíssimo espelho francês (séc. XIV) que representa alegórica e artisticamente a *Corte do Deus do Amor* (imagem 3).

Nele, casais apaixonados trocam carícias, se tocam –o toque físico *par excellence* do amor medieval representado nas fontes imagéticas é o homem colocando delicadamente a mão no queixo da amante (na imagem, o casal acima à esquerda). No centro (acima), o *Deus do Amor* é reverenciado, como se fosse um santo católico!

⁴ A arte medieval reflete a vida cotidiana, e de um modo muito realista: “O camponês terá sido o mais desprezado? Talvez nunca o tenha sido menos que na Idade Média. Determinada literatura em que o vilão é muitas vezes jogado não deve iludir-nos: não é senão o testemunho do rancor, velho como o mundo, que o charlatão, o vagabundo sente pela situação do camponês, do domínio cuja morada é estável, o espírito por vezes lento e a bolsa muitas vezes lenta a abrir-se –acrescentado à aptidão, bem medieval, para zombar de tudo, inclusive aquilo que parece mais respeitável. Na realidade, nunca os contatos foram mais estreitos entre as classes ditas dirigentes –neste caso os nobres– e o povo [...] Poderíamos facilmente dar conta disso deitando uma olhadela sobre o patrimônio artístico que nessa época nos legou e constatando o lugar que o camponês nela ocupa. Na Idade Média, ele está em toda a parte: nos quadros, nas tapeçarias, nas esculturas das catedrais [...] Haverá uma outra época, uma só, que possa apresentar tantos quadros exatos, vivos, realistas, da vida rural?” (Pernoud s/d, 47-48).



imagem 3

3. “O som emitido pelas mulheres medievais deve soar afinado”

Há quase três décadas, Margaret Wade Labarge analisou as mulheres medievais e, como Georges Duby (1982), dividiu-as de acordo com as categorias sociais a que pertenciam em sua época –mulheres que governavam, que rezavam, que trabalhavam, etc. (Labarge, Pernoud 1993, Ozment).

Em contrapartida, José Enrique Ruiz-Domènec deu um passo adiante e ressaltou: apesar da boa intenção de Wade, devemos insistir na *descontinuidade do processo histórico!* (Ruiz-Domènec 2011, 258)

Para compreender o verdadeiro despertar das mulheres e da consciência feminina que ocorreu na baixa Idade Média e, logo depois, se perdeu com o advento da Modernidade, o historiador que deseje escrever a história das mulheres medievais deve ultrapassar os pressupostos de um continuísmo histórico e, sobretudo, evitar esquemas simplistas que podem facilmente levá-lo ao anacronismo, que Lucien Fèbvre considerava o “pecado mortal” do historiador. Qual seu *verdadeiro* papel!⁵

Qual será o caminho metodológico mais adequado para entender as mulheres medievais na sua integralidade, e assim evitar uma “releitura” simplista do passado, inspirada e condicionada anacronicamente pelos pressupostos contemporâneos? Régine

⁵ “O que se pode fazer? Proponho duas tarefas. Primeira: o historiador deve manter viva a memória para que os horrores do passado não voltem a acontecer por desconhecimento, e isso não é possível com uma atitude preciosista, irresponsável, sem consciência do que se faz. É necessária *uma postura crítica com a herança recebida que recupere o interesse pela verdade*. A resposta ao desafio do século XXI deve ser uma história baseada em uma educação responsável, distante do positivismo cego, da tentação do dogmatismo e dos artifícios das modas linguísticas, que promova um conhecimento do passado na linha argumentada por Tucídides ‘como ajuda para interpretar o futuro, que no curso do acontecimento humano deve assemelhar-se àquele, ou mesmo refleti-lo’. No entanto, o certo é que essa tarefa ainda está por ser feita e, em parte, obedece a uma estranha atitude de alguns mandarins da cultura que apoiam passatempos new age ou investigações banais sobre acontecimentos locais antes de renovar a fundo o conteúdo e a forma da história.” (os grifos são nossos) (Ruiz-Domènec 2006, 101-102).

Pernoud (1909-1998) optou por ir à documentação primária, às fontes escritas, e traçou, com base nelas, um quadro da mulher medieval que expôs pormenorizadamente em sua ampla bibliografia, mas sobretudo nos livros *A Mulher no tempo das Cruzadas* e *A Mulher no tempo das Catedrais* (Pernoud).⁶ Por sua vez, Ruiz-Domènec não titubeia: para ele, o caminho mais adequado para seguir é o da *leitura imaginativa* das crônicas e das fontes literárias. Com elas, o historiador pode reconstruir sua *trama social*.⁷ Ele pode, além disso, servir-se da relação entre texto e imagem, tão propícia ao desejo do resgate do *passado total*, aos símbolos, gestos e representações.⁸

Neste trabalho, a escolha das duas fontes catalãs para o desenvolvimento do tema segue, *pari passu*, a proposta metodológica de Ruiz-Domènec, inclusive porque seu conteúdo trata diretamente do assunto (aspecto fundamental). Além disso, elas permitem a reconstrução de nossa trama em duas vertentes analíticas: 1) o discurso dos homens a respeito das mulheres (*Lo somni*); 2) o destaque à própria voz feminina que, na novela, emite seu “afinado canto” –para usar a expressão de Margaret Wade Labarge (*Curial e Guelfa*)– e, dessa forma, coloca a mulher como protagonista da novela. Passemos então às narrativas catalãs.

4. “Quanto a falar eu bem das mulheres, mais me custará deixar o assunto do que começá-lo”

O contexto histórico (medieval), de promoção social feminina, é o que devemos levar em consideração no momento de nos debruçarmos sobre o último livro da obra *Lo somni*, de Bernat Metge (1340-1413). Bernat foi escrivão e secretário do rei João I, *o Caçador* (1350-1396), de Aragão, e depois de Martim I, *o Humano* (1356-1410).

⁶ Ambas originalmente lançadas por Éditions Stock, de Paris (respectivamente em 1980 e 1990). Em *La Femme au temps des Croisades*, Pernoud registra, de passagem, que quando o rei São Luís partiu em Cruzada para o Egito, em 1248, foi acompanhado pela esposa e levou na expedição, para cuidar da saúde do casal, não um médico, mas a *doctoresse Hersent*, mulher que exercia a profissão de *miresse*, forma feminina de *mire*, médico. A autora comenta que era, na época, tão considerável o número de mulheres que exerciam livremente a Medicina, que até existia uma palavra feminina para designá-las, enquanto na França atual uma única palavra, *médecin*, de forma masculina, designa indistintamente profissionais da Medicina de um e outro sexo; no século XIV, pouco a pouco, acrescenta Pernoud, as mulheres começariam a ser excluídas da prática da Medicina, pois tornou-se ilegal o seu exercício por quem não fosse formado na Universidade de Paris, que não admitia mulheres. Em *Pour en finir avec le Moyen Age* (Éditions du Seuil, Paris, 1977), a mesma autora dedica um capítulo, intitulado “La Femme sans âme”, ao tema da condição feminina na Idade Média francesa, e mostra, com base documental, que a mulher tinha no seu dia-a-dia, naquele tempo, margem de autonomia incomparavelmente maior do que lhe seria atribuído algum tempo depois - quando passaram a prevalecer os critérios da Antiguidade Clássica e do Direito Romano, muito menos abertos em relação às mulheres. Pernoud destaca ainda, nessa obra, que existe documentação primária abundantíssima e muito pouco explorada, acerca da condição feminina das mulheres que, no século XIII, “não eram nem altas damas, nem abadessas, nem sequer monjas, mas eram camponesas ou cidadinas, mães de família ou exerciam uma profissão”. São os registros escritos dos agentes enviados pelo rei Luís IX a todos os recantos do seu reino, com a finalidade de interrogarem, de casa em casa, os seus habitantes, acolhendo as queixas e corrigindo os abusos de que fossem vítimas. Nessa documentação caudalosa, comenta Pernoud, é possível encontrar mil pequenos detalhes da vida cotidiana “que mostram homens e mulheres nos menores fatos da sua vida: aqui, é a queixa de uma cabeleireira, ali, a de uma vendedora de sal, acolá, a de uma proprietária de moinho, de uma viúva de agricultor, de uma castelã, de uma mulher de cruzado etc.” (95-96). É por documentos como esses – comenta a autora– que se pode, peça por peça, reconstituir, à maneira de um mosaico, a história real, que nos aparece, então, muito diferente das *canções de gesta* e das *novelas de cavalaria*.” (96).

⁷ “Por *trama*, entenderei simplesmente a codificação dos fatos contidos nas fontes, insistindo nos casos concretos mais que em abstrações sociais ou institucionais do tipo ‘mulher nobre’, ‘mulher camponesa’ ou ‘mulher monja’.” (Ruiz-Domènec 211, 260).

⁸ É o que é feito em Fritz & Ruiz-Domènec, mas, sobretudo, Huizinga. Entre os historiadores brasileiros, Schwarcz.

Introdutor do *Humanismo* na Península Ibérica, Metge foi acusado de corrupção e encarcerado, quando escreveu *Lo somni* – logo após a morte de João I. Nele, o autor narra um sonho que teve na prisão, no qual lhe aparecia o falecido rei, acompanhado por Orfeu e Tirésias, personagens da mitologia grega.

A obra é dividida em quatro livros, respectivamente, com os seguintes temas: 1) a imortalidade da alma, 2) o *Grande Cisma da Igreja* (1378-1417) (para o tema, ver Silva), 3) descrição do Inferno (com uma virulenta diatribe contra as mulheres), e 4) a defesa das mulheres e do *Amor*.

O discurso de Tirésias, no livro III de *Lo somni*, é clara e agressivamente misógino. Já tratamos dele em outra oportunidade (Costa 2012). Por isso, não voltaremos aqui a essa parte da obra, mas focalizaremos a notável *apologia feminina* que Bernat desenvolve frente ao ataque de Tirésias.

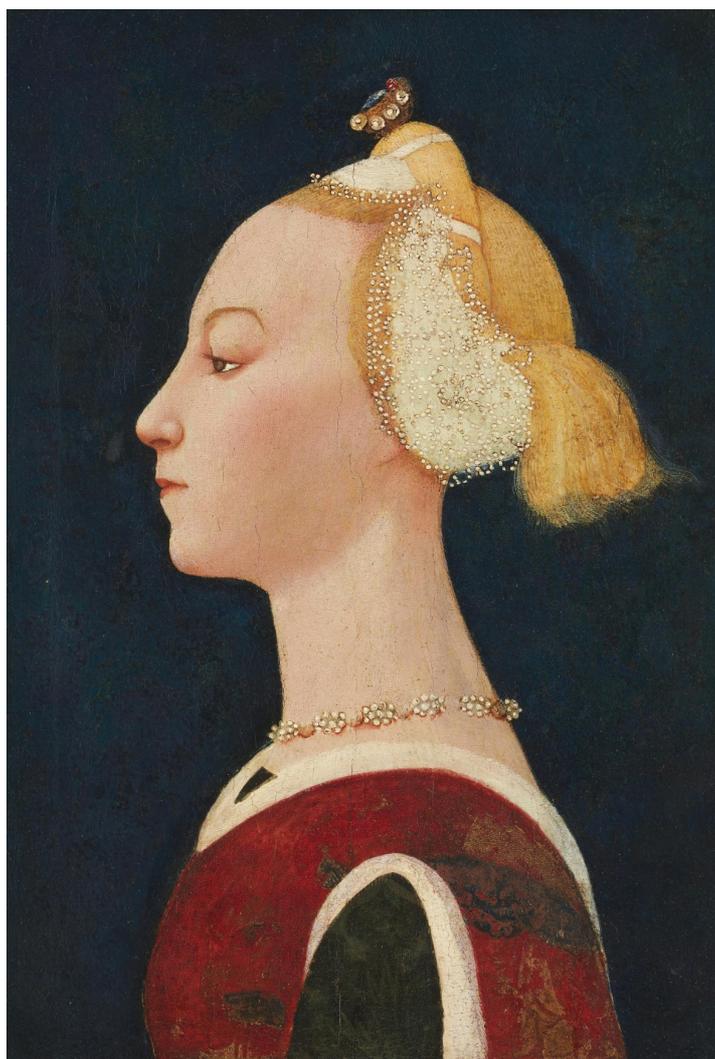


imagem 4. *Retrato de mulher* (c. 1450), obra do Mestre da Natividade do Castelo (c. 1445-1470/75). O período que abrange a redação de *Lo somni* (1399) e *Curial e Guelfa* (séc. XV), o *outono da Idade Média* (ver Schneider), assistiu ao nascimento da *arte do retrato* (Huizinga). Esse obscuro pintor florentino, provavelmente aluno de Fra Filippo Lippi (c. 1406-1469), retratou a rica dama em posição de perfil, padrão estilístico da época. Ressalta em seu quadro o olhar altivo e imponente, quase soberbo, da senhora, além da joia preciosa que encima o arranjo de seu cabelo e a ornamentada touca que o prende. Imaginemos por um momento a arrogância daquelas ricas senhoras dos quinhentos, bastante distinta da mulher tipicamente medieval dos séculos XIII-XIV (como a da imagem 7). De qualquer modo, elas, as ricas, definitivamente passam ao protagonismo social.

Para defender a honra das mulheres, Bernat Metge cria um verdadeiro *panegírico feminino*, quando apresenta as maiores mulheres que ele considera terem vivido no mundo. Para isso, Metge fundamenta seu texto basicamente em três obras:

- 1) *Familiarium rerum libri*, de Petrarca (1304-1374) - Epistolário (24 livros) com cerca de 350 cartas, redigidas entre 1325 e 1361;
- 2) *Factorum dictorum memorabilium*, de Valério Máximo (séc. I a. C. - I d. C.) – obra moral em nove livros dedicada ao imperador Tibério (42 a. C. - 37 d. C.) e que tinha como finalidade ressaltar as virtudes romanas por meio de relatos anedóticos extraídos de historiadores romanos;
- 3) *De mulieribus claris*, de Boccaccio (1313-1375) – descrição moral da vida de 106 mulheres famosas da Antiguidade e da Idade Média. Com isso, Boccaccio pretendia incentivar em seus leitores a vida virtuosa (Butiñá, 371-374).

Metge cita as seguintes personagens, reais e mitológicas:

Rainhas	Guerreiras / Personagens bíblicas	Esposas / Mães	Deusas / Outras
Orítia rainha das Amazonas	Pentesileia de Troia	Pórcia esposa de Bruto	Minerva
Semíramis rainha dos assírios	Camila na Itália	Júlia esposa de Pompeu	Ísis
Tamires rainha da Cítia	Sara	Emilia esposa do primeiro Cipião <i>Africano</i>	Safo
Hipsicrateia rainha do Ponto	Rebeca	Túria mulher de Quinto Lucrécio	Dido
Artemísia esposa de Mausolo	Raquel	Sulpícia mulher de Lêntulo	As Sibilas
	Judite	Lucrécia	Mulheres da Lacedemônia
	Ester	Cornélia filha de Cipião <i>Africano</i> e mãe dos Gracos	Hipo, grega
		Carmenta mãe de Evandro	Clélia virgem romana
	Proba mulher de Adelfo	Griselda (do <i>Decamerão</i> , de Boccaccio)	

Todas elas, mulheres corajosas, honestas, companheiras. Virtuosas. Mas não inteiramente. Pois a parte mais interessante da *apologia das mulheres*, de Metge, é quando ele se refere às rainhas de seu tempo, monarcas que atuaram de modo incisivo

na política, na cultura, na religião – embora cite algumas de caráter duvidoso, como veremos.

A primeira, inquestionável, é Elisenda de Montcada (1292-1364) (imagem 6), fundadora do Mosteiro de Pedralbes (imagem 5), que foi a terceira esposa de Jaime II de Aragão (1267-1327), mulher generosa, perfeito exemplo da largueza nobiliárquica medieval, porque direcionada para o Além.



imagem 5. Mosteiro Real de Santa Maria de Pedralbes (gótico, fundado em 1326), Barcelona.

<i>Lo somni</i> Llibre IV.29	
<p>– Qui.t poria suficientment dir la honestat gran e maturitat de la reyna de Pedralbes, muller del rei En Jacme d’Aragó? La qual, vivent aquell, fou molt graciosa e contínua intercessora tots temps per sos pobles; jamás no girà los ulls a coses deshonestes, la sua almoyna nulltemps no fo denegada als pobres, e, après la mort del dit rei, acabà lo monestir de Pedralbes, que en vida d’aquell havia començat. En lo qual, honestament morí e finí sos dies.</p>	<p>– Quem poderia dizer coisas suficientes da grande honestidade e maturidade da rainha de Pedralbes, esposa do rei Dom Jaime de Aragão? Enquanto ele viveu, ela foi muito graciosa e uma incansável intercessora de seu povo; jamais voltou seus olhos para coisas desonestas; sua esmola nunca foi negada aos pobres. Depois da morte do dito rei, concluiu o mosteiro de Pedralbes que, durante a vida dele, começara a ser construído. Ali honestamente morreu e findou seus dias.⁹</p>

⁹ Nossa tradução foi baseada na edição de Julia Butiñá (Metge). Esse trabalho, que será publicado no final de 2013 com o título *Os sonhos na História*, é desenvolvido sob a égide do *Projeto IVITRA*, da Universitat d’Alacant (site: www.ivitra.ua.es).

A seguir, vêm Leonor de Aragão (1325-1375), rainha consorte da Sicília, e duas mulheres de caráter por demais duvidoso para constarem em uma lista de damas probas: Leonor de Aragão e Foix, rainha de Chipre (1333-1416), esposa de Pedro I de Chipre (1328-1369), e Sibila de Fortià (1350-1406), rainha consorte da Coroa de Aragão.¹⁰



imagem 6. Detalhe da tumba da rainha Elisenda de Montcada, Mosteiro de Pedralbes.

Metge prossegue com Violante de Bar (1365-1431) –cuja casa era um “templo de liberalidade”– e Maria de Luna (1357-1406), primeira esposa de Martim I, mulher virtuosíssima, a *rainha humanista* de María Jesús Fuente (297-321).

<i>Lo somni</i> Llibre IV.34	
<p>Alguns poetes fan gran festa de la cordial amor que Penélope hagué a Ulixes, marit seu, per tal com en sa longa absència no l’oblidà, dient que nulltemps prendria altre marit posat que.l seu jamay no tornàs: car muller de Ulixes volia morir.</p>	<p>Alguns poetas celebram muito o cordial amor que Penélope teve por Ulisses, seu marido, porque durante sua longa ausência não o esqueceu, dizendo que nunca tomaria outro marido se o seu não retornasse: como mulher de Ulisses queria morrer.</p>
<p>Assats li mostrà gran amor a mon juý. Mas sens comparació fo molt més aquella que la propdita reyna</p>	<p>Um grande amor ela mostrou, segundo meu juízo, mas foi incomparavelmente maior o que demonstrou ter a rainha Dona</p>

¹⁰ Essas duas –Leonor e Sibila– de *caráter muitíssimo duvidoso*, observação feita por Julia Butiñá: “O louvor das rainhas havia chocado a crítica de diferentes maneiras, especialmente por sua seleção, pois algumas delas ultrapassam a barreira da moral mais duvidosa (...) Entre as duvidosamente virtuosas se encontrava Leonor de Chipre que, entre outros feitos chamativos, em 1369 publicamente assassinou o príncipe que matara seu marido, sucesso famoso que Chaucer recolheu em seus *Contos de Canterbury*, e nada menos que a rainha Sibila de Aragão, de tão recente má fama na Coroa, encarcerada por seu enteado por causa de graves acusações, e que foi comparada em *Lo somni* a nada menos que Cipião, o herói de *África*, de Petrarca!” (Butiñá, 371-374).

<p>mostrà haver al senyor rei, car no solament li recordà contínuament d'ell mentre trigà per lonch temps subjugar ab extrems perills de sa persona lo regne de Sicília, e.l sperà mig vídua (e segons comuna opinió, ab temerosa speranza de no veure'l jamay); ans per sostenir e socórrer a aquell, vené tot quant havia e li tramès gran esforços de gent d'armes e molta moneda, romanent ella e vivent (considerat son estament) ab gran inòpia e freitura.</p>	<p>Maria pelo senhor rei, pois não só recordou-se sempre dele enquanto se retardava por muito tempo e com extremo perigo de vida no reino da Sicília, e o aguardou quase como viúva – e, de acordo com a opinião comum, com temerosa esperança de jamais tornar a vê-lo – mas também, para sustentá-lo e mandar-lhe socorro, vendeu tudo quanto tinha e enviou um grande reforço de gentes com armas, além de muito dinheiro, e enquanto isso ficou e viveu em grande indignência e necessidade, não tomando em consideração sua condição social.</p>
<p>Sovén me són meravellat, e encara no me'n pux lexar, de la gran paciència que hagué, après que fou pujada a reginal dignitat, en soferir que diguessen alguns atrevits denant la sua celsitud, quant no.ls volia complaure en ço que injustament li demanaven: ‘–Encara no sabets si sóts regina!’.</p>	<p>Frequentemente eu me maravilho, e não posso deixar de fazê-lo, com a grande paciência que ela teve, depois de ter ascendido à dignidade régia, suportando que alguns insolentes, cujas injustas pretensões ela não queria satisfazer, diante de sua excelsitude lhe dissessem: ‘–Ainda não sabeis se sois rainha!’.</p>

Julia Butiñá considera a inserção de Maria de Luna no elenco de mulheres notáveis de Metge uma feroz crítica, pois, à luz da fonte principal de Metge –Boccacio– a citação à fidelidade e ao amor conjugal de Penélope é uma sátira: já Horácio (65-8 a. C.) considerava a mulher de Ulisses uma indecente, e que só não traía o marido por falta de oportunidade... (Butiñá, 377-378)

Seja como for, a máxima de José Luis Villacañas (1955-) a respeito dos reis medievais –utilizada especificamente para Jaime I (1208-1276)– se aplica de igual modo às rainhas: trata-se de um *tipo humano* para o qual não temos categorias disponíveis, nem acesso imediato, nem qualquer elemento de comparação (Villacañas, 18-19). Os reis medievais tinham *potestas*, mas nem sempre autoridade, só obtida graças ao seu carisma pessoal. O mesmo vale para as rainhas. Houve rainhas e Rainhas, como há homens e Homens, mulheres e Mulheres. As personagens citadas por Bernat Metge –que se baseia, não nos esqueçamos, em Valério Máximo, Petrarca e Boccacio, como vimos– mereceram a imortalidade da Literatura porque, com sua conduta humana, se elevaram acima da vida ordinária de suas iguais, rainhas, mães, esposas, deusas e guerreiras. Mesmo que algumas não tenham sido tão louváveis...

5. “Está escrito, e não por um só doutor, que os cavaleiros devem ter a coragem da mulher e o coração do leão”: o consentimento feminino para o casamento

Noutra oportunidade afirmamos que a novela de cavalaria *Curial e Guelfa* (séc. XV) deveria se chamar *Guelfa e Curial*, pois nela são as mulheres as verdadeiras protagonistas do enredo (Costa, 2011a). De fato, o mundo girava ao redor delas. Pelo menos das nobres. Os homens eram marionetes em suas mãos. A história, realista, conta as aventuras –e desventuras– de Curial, jovem que ascende socialmente graças à sua

beleza e ao seu talento. O rapaz cai nas graças de uma viúva, a rica e jovem duquesa de Milão, Guelfa, que decide patrocinar (ocultamente) a educação do jovem.

A novela tem muitos desdobramentos –como, de resto, a vida.¹¹ Em uma de suas inúmeras peripécias, Curial é feito prisioneiro e torna-se escravo no norte da África. A galera de Curial naufraga na costa de Trípoli, na Berbéria, pois Netuno, enfurecido pela *Fortuna* e pela *Inveja*, decidira punir o herói. Em Túnis, ele e Galceran de Madiona, seu companheiro sobrevivente do naufrágio e do massacre dos islâmicos nos cristãos na galera à deriva, foram vendidos a um “mouro estrangeiro,” o qual, por sua vez, os vendeu a um rico cavaleiro de Túnis.



imagem 7. Detalhe do afresco *A Vida no Campo. Os Efeitos do Bom Governo* (c. 1337 - 1340) de Ambrogio Lorenzetti (c. 1290 - c. 1348). Siena, *Palazzo Pubblico, Sala dei Nove*.¹² Na cena, a dama sai da cidade em direção ao campo, para cavalgar e praticar a arte da falcoaria, típica atividade nobiliárquica medieval. Repare-se na serena elegância de seu porte. Altiva, ela está acompanhada de dois criados. Um deles, a cavalo, porta a ave em sua mão esquerda. A imagem da dama, no centro, domina a cena. Tudo parece transitar em volta de seu ofuscante vestido vermelho.

Este cavaleiro, chamado Faraig, ordenou que os escravos cultivassem seu horto. Como eles trabalhavam muito bem, Faraig passou a “amá-los muito,” sem descuidar dos grilhões. A filha e a esposa de Faraig, Camar e Fátima, respectivamente, se apaixonaram pelos escravos, que trabalhavam sempre cantando, alegres, mesmo em meio ao infortúnio. Camar se sentiu atraída por Curial (que não revelou seu nome verdadeiro, mas disse chamar-se “João”) e Fátima enamorou-se por Galceran (que disse se chamar “Berenguer”). O autor anônimo da novela, nesse ponto, afirma que Fátima sentia-se solitária com as prolongadas ausências do marido.

A tal ponto Camar se apaixonou por Curial que recusa casar-se com o rei de Túnis – que ouvira falar da beleza da filha de Faraig. Assim, diante da insistência de seu pai, atônito com a reação contrária da filha – e sem saber de sua paixão pelo escravo – Camar decide suicidar-se.

¹¹ Para um resumo do conteúdo da novela, ver Costa (2012c, 539-549).

¹² Para um estudo do afresco, ver Costa (2003).

Nesse momento acontece um dos maiores diálogos entre dois personagens femininos. Camar explica à mãe os motivos de sua decisão. Desesperada, a mãe tenta dissuadi-la. Os argumentos que Camar apresenta são dignos de nota.

Em primeiro lugar, a jovem cita Catão de Útica (95-46 a. C.) como exemplo de virtude e aquele que “mostrou o caminho da liberdade,” isto é, o suicídio.¹³ Quando a mãe confessa à filha que, privada da ocasião de praticar o sexo com “homens convenientes à sua honra,” o faz com aquele de que pode dispor (o escravo “Berenguer”), Camar afirma que ela teve sorte em fazê-lo com um homem virtuoso, e cita São Jerônimo (c. 347-420) –que aludiu a Platão (c. 424-348 a. C.) em uma de suas cartas– além de Pasífae, rainha de Creta (esposa de Minos), Fedra, Semíramis, e um elenco de mulheres e suas trágicas histórias, todas fundadas na *Mitologia Grega*:

Camar: “–(...) Vós não sois a única a cair nos atos de Vênus, e tivestes uma sorte tão grande que haveis feito com um homem virtuoso, já que o cativo não lhe quitou a virtude, pelo contrário, a virtude é que quitou o cativo. Nós lemos que Platão, grande filósofo, foi prisioneiro de um tirano e vendido por dinheiro, quando disse àquele que o havia comprado: ‘Eu sou maior que tu’, e só o disse por que era mais virtuoso. Por isso afirma Jerônimo em uma epístola a Paulino, conforme eu aprendi com o nosso João, a respeito do estudo da Sagrada Escritura, em uma recomendação do homem virtuoso, falando de Platão: embora Platão tenha sido aprisionado e vendido como escravo, como era filósofo e sábio, era mais livre do que aquele que o comprou.”¹⁴

E mais: nesses atos, vós não haveis procurado tálamos ilícitos, como muitas outras fizeram, porque lemos que Pasífae, mulher de Minos, rei de Creta, se enamorou por um touro e, graças ao engenho de Dédalo, deitou-se com ele e teve um filho meio homem, meio besta, chamado Minotauro¹⁵; tampouco fizestes como Fedra, esposa de Teseu, que se enamorou pelo casto Hipólito, seu enteado, o qual, ao ser muito acochado pela madrasta para que se deitasse com ela, não [f.184v] quis corromper o leito paterno por lealdade a seu pai e se matou¹⁶; nem haveis feito como Semíramis, rainha da Babilônia, que tomou Nino, seu filho, como marido, e fez uma lei para que todas as senhoras

¹³ Catão da Útica (Marco Pórcio Catão Uticense, 234-149 a. C.) : “Catão foi um político muito influente na sociedade de sua época, e representa o caráter dos velhos romanos: austero, duro consigo e com os outros, mas ativo, enérgico e prático.” (Villalba i Varneda). Opositor de Júlio César (100-44 a. C.), Catão cometeu suicídio após a vitória deste na batalha de Tapso (46 a. C.), penúltima da guerra civil entre César e os *Optimates* do Senado romano.

¹⁴ Trata-se da *Epístola 53* de São Jerônimo, *Ad Paulinum de Studio scripturarum*, uma de suas cartas mais citadas e reproduzidas.

¹⁵ Pasífae era filha de Hélios e Perseida (uma das oceânides, filha de Tétis e do Oceano). Casou-se com o rei Minos, de Creta, e teve sete filhos: Androgeu, Ariadne, Deucalião, Fedra, Glauco de Creta, Catreu e Acacalis. Minos rogou a Poseidon (Netuno) que enviasse um touro branco como sinal de aprovação ao seu reinado. Poseidon assim o fez, com a condição de que Minos sacrificasse o animal em sua oferenda. Minos não o fez, devido à beleza do animal. Para puni-lo, Afrodite (Vênus) fez com que Pasífae se apaixonasse pelo touro. Pasífae então pediu ao artesão Dédalo que construísse uma vaca de madeira para que ela ali pudesse se esconder e assim copular com o touro branco. O filho nascido dessa relação foi o Minotauro.

¹⁶ Fedra era filha de Minos e Pasífae. Casou-se com Teseu. Ao acompanhar seu marido a Trezena, conheceu Hipólito, que desdenhava o culto a Vênus (Hipólito era filho de Teseu e Antiopa). Para puni-lo, Vênus fez com que Fedra se apaixonasse violentamente por ele. Ao confessar seu amor a Hipólito, Fedra foi recusada. Irada, diante de Teseu acusou Hipólito de ter tentado violentá-la. Encolerizado, Teseu pediu a Netuno que castigasse Hipólito. O deus fez um monstro surgir do mar, e, assustado, Hipólito, que conduzia seu carro nas margens, perdeu o controle e caiu nas rochas, morrendo em decorrência disso. Desesperada, Fedra enforcou-se.

pudessem se casar com seus filhos¹⁷; nem como Jocasta, rainha de Tebas, que se deitou com Édipo, filho seu, e teve com ele dois filhos chamados Etéocles e Polinices, os quais, ao ver sua desventurada mãe, mataram um ao outro; nem como a amarga Mirra, que se enamorou por seu próprio pai, e, graças ao engenho de uma ama sua, seu pai pensou que estava se deitando com outra senhora, mas era sua própria filha, e depois, ao saber do engano, a matou, e os deuses a converteram em uma árvore que continuamente chora, e suas lágrimas amargas têm o mesmo nome de mirra¹⁸; e Juno? Por acaso não se deitou com seu irmão Júpiter e o tinha na fama de marido, para escárnio e vitupério de todo o mundo?¹⁹; e muitas outras, tantas quanto os cabelos da cabeça, as quais, para não alongar a minha vida, deixarei de citar.

Assim, vosso erro não é tão grande como vós dissestes. E mesmo que fosse grande, vós mesma o escolhestes, ninguém vos forçou a isso, pelo contrário, de muito bom grado vós usastes de vossa livre eleição. Mas em meu caso foi o contrário, pois o rei matou meu pai por minha causa sem que eu tenha culpa. E agora, quando meu pai foi morto por esse motivo, que eu faça o que não quis fazer quando ele me rogava! Eu, que derramei o sangue de meu pai, e por isso posso ser chamada de parricida, não vou derramar o meu? Ai, como seria uma boa sorte se estes dois sangues se mesclassem. Ó alma atribulada do meu pai, espera-me, pois rapidamente eu estarei contigo! Sabe que não tardarei; e embora habites no mais abissal cárcere do infernal Estige²⁰, contigo escolho habitar, pois

¹⁷ Lendária rainha da Assíria por quarenta e dois anos, Semíramis fundou a Babilônia e seus *Jardins Suspensos*. Subiu ao céu, transformada em pomba. Em sua *Divina Comédia*, Dante coloca Semíramis (e Minos) no segundo círculo do Inferno, onde estão os luxuriosos e os cunhados adúlteros: “sombras eu vi passar se lamentando; / e ao Mestre perguntei: ‘Quem são aquelas / gentes que o vento assim vai castigando?’ / ‘A primeira’, iniciou o meu Mestre, ‘delas / que me perguntas quem foram em vida, / foi imperatriz de muitas cidadelas. / Por sua luxúria foi tão possuída / que libito fez licito em sua lei, / Pra escapar da censura merecida; / Semíramis ela é, que lembrarei / que a Nino sucedeu, sendo sua esposa, / na terra onde o sultão agora é rei.’” (*ombre portate da la detta briga; / per ch’i’ dissì: ‘Maestro, chi son quelle / genti che l’aura nera sí gastiga?’ / ‘La prima di color di cui novelle / tu vuo’ saper, mi disse quelli allotta, / fu imperadrice di molte favelle. / A vizio di lussuria fu sí rotta, / che libito fé licito in sua legge, / per tòrre il biasmo in che era codotta. / Ell’ è Semiramís, di cui si legge / che succedette a Nino e fu sua sposa; / tenne la terra che’l Soldan corregge.*) (Dante, Canto V, 49-60, p. 51).

¹⁸ Mirra (ou Esmirna) era filha de Cíniras (rei de Pafos, em Chipre) e de Cencreis. Mirra desprezava o culto a Vênus. Para castigá-la, a deusa fez com que ela se apaixonasse pelo pai. Ao sentir isso, Mirra tentou se enforcar, mas foi impedida por Hipólita, sua ama, que a ajudou a enganar Cíniras e introduziu Mirra na cama do pai durante a ausência da mãe, Cencreis, que estava nas festividades em honra a Ceres e deveria ficar nove dias longe do leito conjugal. Quando o pai descobriu que dormira com a filha e praticara incesto, quis matá-la. Mirra fugiu e, após dar a luz, abriu os braços para o céu e suplicou a proteção dos deuses. Apiedados, eles a transformaram em uma árvore, a mirra.

¹⁹ Juno, na mitologia greco-romana, era uma das doze divindades do Olimpo. Filha de Saturno e Cibele, Juno foi devorada pelo pai e salva por Júpiter, casando-se com ele. Mãe de Vulcano, Marte, Ilítia e Hebe, era venerada como a protetora de todas as esposas e mães, e auxiliadora nos partos. É representada como uma jovem e bela mulher, severa e casta, com uma longa túnica, um véu e um diadema na cabeça. Na mão, um cetro com um cuco e uma pedra preciosa na extremidade (uma granada), que simboliza o amor conjugal e a fertilidade. O pássaro que a simboliza é o pavão (em sua cauda, Juno colocou os olhos de Argo). O pintor italiano Annibale Carracci (1560-1609) criou um suntuoso afresco no Palazzo Farnese (casa da embaixada francesa na Itália) intitulado *Os amores dos deuses* (c. 1597-1608) em que há uma cena em que Juno, com os seios à mostra, é acariciada por Júpiter.

²⁰ Estige era um rio de águas lodosas e frias que percorria os Infernos (“A muitos mandam ver o Estígio lago, / Em cujo corpo a morte e o ferro entrava.” (Camões, Canto IV, 40, p. 177). Estige era originalmente uma ninfa, filha de Oceano e Tétis, esposa de Palas. Tinha quatro filhos: Zelo, Vitória, Violência e Poder. Na guerra entre Júpiter e os Gigantes (chamada *Titanomaquia*), Estige e seus filhos

não creio que haja pior lugar que esse, nem que se possa dar lá uma pena tão grande como a que se passa com quem vive sob o poder de um tirano. Assim, ide-vos e não faleis mais desse feito, pois estai certa de que eu não aceitarei conselho que possa me alongar a vida.”

Com seu suicídio, Camar antecipa o drama de *Romeu e Julieta* (1597) –aliás, *Curial e Guelfa* faz alusão, e mais de uma vez, à obra que foi base comum de ambos os textos: as *Metamorfoses* de Ovídio (43 a. C. - 17 d. C.).²¹

Seja como for, não se deve esquecer que o ambiente social no qual se desenrola a ação e o diálogo feminino nesse livro da novela é o mundo muçulmano, o que sugere que o autor anônimo da novela, além de criticar a falta de liberdade das mulheres islâmicas, estava a elogiar essa importante diferença cultural entre as duas religiões, no que já foi designado como recurso literário de *euforização* (Bardin, 97-106 e 149-152).

Notável *distinção civilizacional*: enquanto a cortesia muçulmana para com as mulheres, iniciada pelo menos desde Ibn Hazm (994-1064) e seu *Colar da Pomba*²², não foi traduzida, na longa duração histórica, em uma elevação da condição feminina, o mesmo não se deu no mundo cristão, em que, ao fim das contas, com o *amor cortês*, as mulheres tiveram seu *status* melhorado na relação entre os sexos –pelo menos nos extratos sociais superiores, como já ressaltamos.

Em *Curial e Guelfa* a educação filosófica, clássica e religiosa que o protagonista oferece a Camar enquanto é cativo influencia decisivamente sua postura diante da definição do que é o matrimônio, pois, ao ser questionada por sua mãe acerca da inquestionável legitimidade jurídica do casamento com o rei de Túnis, ela responde:

–Não é matrimônio aquilo que é feito à força, pois entre pessoas livres se deseja contratar livremente, e quando acontece à força, como é o caso, perde o nome e também o efeito do matrimônio.

Definição tipicamente cristã. Desde os séculos VIII-IX, tantos os bispos carolíngios quanto a *literatura matrimonial* no Ocidente medieval não se cansaram de afirmar que a *lei do matrimônio* era uma só, tanto para o homem quanto para a mulher (Toubert, 87): desse ponto de vista houve, portanto, uma efetiva equiparação entre os cônjuges.²³

A mulher passou a ser reconhecida como pessoa, com pleno direito familiar e em pé de igualdade com o marido, e a violência sexual foi denunciada como crime grave e do âmbito da justiça pública! (Costa 2002, 17).

Por isso, ao falar com sua mãe, Camar ressalta a necessidade do consentimento mútuo para a plena realização do casamento. E antes de seu último suspiro ela confessa: converteu-se ao Cristianismo, por amor a Curial.

aliaram-se a Júpiter que, em troca, após a vitória, determinou que todos os juramentos que os deuses fizessem sobre as águas do Estige seriam inquebrantáveis.

²¹ Já aludimos a essa base literária comum em Costa (2012a).

²² Para o tema do *amor cortês* no mundo árabe, ver também Galmés de Fuentes, 95-149.

²³ E isso desde o *Cristianismo primitivo*: “Segundo a concepção cristã primitiva, a base do casamento é o amor que os esposos se devem mutuamente [...] É assim que a Igreja procura criar ligações duráveis, estáveis e sólidas [...] Ensaia pôr fim aos casamento por rapto [...] Lutando contra a poligamia, proíbe a bigamia [...] A endogamia e, sobretudo, o incesto, são igualmente combatidos [...] o casamento entre parentes muito próximos é proibido [...] o papa Gregório III, em 732, estende essa interdição até ao 7º grau.”(Gilissen, 567-568).



imagem 8. Miniatura da obra *De nobilitatibus, sapientis, et prudentis regum* (1326), de Walter de Milemete. Esse texto foi dedicado ao então príncipe Eduardo, futuro Eduardo III da Inglaterra (1312-1377). Oxford, *Christ Church College*, ms Ch Ch 92, folio 4. Na cena, *mulheres virago*: com a ausência de seus maridos, elas assumiam todas as funções senhoriais, inclusive –se necessário– as da guerra!²⁴ Na iluminura, talvez preocupado em retratar mulheres apenas na função masculina da guerra, o artista representou algumas atirando a mais simbólica “arma” de seu sexo: rosas!

²⁴ “Desde o século XI, pelo menos, é admitida a sucessão feminina nos feudos, pelo menos em certos feudos, ditos feudos de roca (*fiefs de fuseau*), por oposição aos feudos de espada (*fiefs d’éppé*); assim, o condado de Hainaut foi enfeudado, em 1071, à condessa Richilde. Numerosas foram, desde então, as mulheres que detiveram grandes feudos e exerceram o poder político que daí decorre.” (Gilissen, 602).



imagem 9. Detalhe de uma bolsa ricamente bordada para guardar moedas para dar esmola (c. 1340). Em um *locus amoenus*, uma graciosa dama “enlaça” seu amado com uma espécie de pano (verde). Por sua vez, completamente embevecido, dominado, ele, enamorado, abre seus braços em sua direção.

Conclusão

A Literatura é *a vida pulsante do passado*. Por meio das palavras, de seu registro escrito e imortalizado, conseguimos ouvir os ecos de outros tempos, conseguimos resgatar a linguagem dos mortos. Ao traduzirmos *Curial e Guelfa* e *O Sonho* para a nossa língua, resuscitamos o passado e damos voz a ele, reconduzindo-o para a mente do leitor atual sem desrespeitar sua intrínseca natureza temporal.

Essa transposição de uma cultura distante para outra, contemporânea, é uma importante operação linguística-mental que já comparamos, em outra ocasião, a *uma visita ao cemitério* (Costa, 2011b).

Imerso nessa *metodologia filológica*, que é um dos melhores exercícios que o historiador pode ter (Costa 2012c, 545), podemos vislumbrar de modo mais adequado as *relações sociais do passado* e, no caso do tema em questão, o modo como homens e mulheres se relacionavam, sem cair no fácil e anacrônico discurso de eterna vitimização feminina, tão ao gosto dos atuais modismos historiográficos, muitas vezes mais interessados em retumbantes manchetes publicitárias do que na melhor investigação histórica, a *compreensiva*. E é a Literatura que nos dá a chave de acesso à vida humana do passado, como destacou Ruiz-Domènec.

Diferentemente de trabalhos que apresentam as mulheres do passado como tendo sido, sempre e invariavelmente, sofredoras e oprimidas (Macedo), as mulheres

medievais que surgem em *O Sonho* e *Curial e Guelfa* têm personalidade. Elas são decididas e valorosas, como as suas congêneres que, na ausência de seus maridos, tenazmente defendiam seus feudos (imagem 8).²⁵ Mesmo Camar, oprimida no sufocante mundo islâmico norte africano de seu tempo, se revolta contra sua condição de filha servil aos desejos do pai, e recorre a uma decisão extrema –o suicídio– para alcançar seu sonho de liberdade.

Ciosas de seu papel na sociedade de seu tempo, essas mulheres medievais aprenderam a dizer “não,” graças às transformações sociais ocorridas na Idade Média cristã em relação à condição feminina.²⁶

²⁵ “O costume normal, de fato, era os casais partirem juntos, as damas acompanhando normalmente seus maridos. Esse problema foi colocado a respeito de Godofredo de Bouillon porque ele não era casado; colocava-se em termos diferentes quando a defesa ou a exploração de um domínio importante tornava necessária a presença da mulher na ausência do marido –como foi o caso de uma Clemência de Borgonha, esposa de Roberto de Flandres, ou de uma Adélia de Blois.” (Pernoud 1993, 25).

²⁶ Agradecemos aos amigos Antonio Cortijo Ocaña (University of California, Santa Barbara) e Vicent Martines Peres (Universitat d’Alacant, Espanha) pelos comentários, críticas e sugestões.

Obras citadas

- Bardin, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- Butiñá, Julia. *En los orígenes del Humanismo: Bernat Metge*. Madrid: UNED, 2002.
- Camões, Luís de. Álvaro Júlio da Costa Pimpão ed. *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.
- Costa, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média - um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.
- . "A Educação Infantil na Idade Média." *Revista VIDETUR* 17 (2002): 13-20.
- . "Um espelho de príncipes artístico e profano: a representação das virtudes do Bom Governo e os vícios do Mau Governo nos afrescos de Ambrogio Lorenzetti (c. 1290-1348?) - análise iconográfica." Em *Utopía y Praxis Latinoamericana - Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social* 8, 23 (octubre de 2003): 55-71.
- . "A experiência de traduzir *Curial e Guelfa*." Em *Curial e Guelfa*. Santa Bárbara: Publications of eHumanista, 2011a.
- . "O historiador e o exercício da tradução: a novela de cavalaria *Curial e Guelfa* (séc. XV)." *Colóquio de Pesquisadores e Pós-Graduandos em História Medieval – Perspectivas de Investigação e Colaboração Científica*. Scriptorium, UFF (14 de abril de 2011b).
- . "As relações entre a Literatura e a História: a novela de cavalaria *Curial e Guelfa*." Em Julia Butiñá & Antonio Cortijo eds. *eHumanista/IVITRA* 1 (2012a): 84-98.
- . "Os sonhos e a História: *Lo somni* (1399) de Bernat Metge." *Revista de linguas y literaturas catalana, gallega y vasca. Anuario de filología catalana, gallega y vasca* XVII (2012b): 15-39.
- . "Uma jóia medieval no alvorecer do Humanismo: a novela de cavalaria *Curial e Guelfa* (século XV)." Em Lênia Márcia Mongelli org. *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*. São Paulo: Humanitas, 2012c. 539-549.
- Costa, Ricardo da & Priscilla Lauret Coutinho. "Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da *Condição Feminina* na Idade Média." Em Nilda Guglielmi dir. *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12*. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), 2003.
- Dante. Italo Eugenio Mauro trad. *A Divina Comédia. Inferno*. São Paulo: Editora 34, 1998,
- Del Priori, Mary. *História do amor no Brasil e História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005-2007.
- Duby, Georges. "O modelo cortês." Em Georges Duby & Michelle Perrot dirs. *História das Mulheres no Ocidente. Volume 2. A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento, s/d. 330-351.
- . *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- Fossier, Robert. "A Era Feudal (século XI a XIII)." Em André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine Segalen & Françoise Zonabend dirs. *História da Família. 2. Tempos Medievais: Ocidente, Oriente*. Lisboa: Terramar, 1997.
- Freedman, Paul. *Images of the Medieval Peasant*. California: Stanford University Press, 1999.
- Fritz, Michael P. & José Enrique Ruiz Doménech. *Isabel de Requesens: retrat d'una dama*. Barcelona: Reial Acadèmia de Bones Lletres, 2004.

- Galmés de Fuentes, Álvaro. *Ramón Llull y la tradición árabe. Amor divino y amor cortés en el Llibre d'amic e amat*. Barcelona: Quaderns Crema, 1999.
- Gilissen, John. *Introdução histórica ao direito*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- Hillgarth, J. N. *Cristianismo e Paganismo, 350-750. A conversão da Europa Ocidental*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- Huizinga, Johan. *O Outono da Idade Média. Estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. São Paulo: CosacNaif, 2010.
- Ibn Hazm de Córdoba. Emilio García Gómez trad. *El collar de la paloma*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- Jesús Fuente, María. *Reinas Medievales en los reinos hispánicos*. Madrid: La Esfera de los libros, 2003.
- Labarge, Margaret Wade. *La mujer en la Edad Media*. Madrid: Nerea, 1989.
- Lauand, Luiz Jean. *O Xadrez na Idade Média*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- Le Roy Ladurie, Emmanuel. *História dos camponeses franceses. Da Peste Negra à Revolução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- . *Montaillou. Cátaros e católicos numa aldeia francesa, 1294-1324*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- Macedo, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1992.
- Metge, Bernat. Julia Butiñá ed., trad. *Lo somni/El sueño*. Madrid: Centro de Lingüística Aplicada Atenea, 2007.
- “O camponês médico.” Em *Fabliaux. Erótica Medieval Francesa. Poesia erótica e satírica francesa – séculos XIII-XIV*. Lisboa: Editorial Teorema, 1997.
- Ozment, Steven. *A Filha do Burgomestre. Escândalo em uma aldeia alemã do século XVI*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- Pernoud, Régine. *A mulher no tempo das cruzadas*. Campinas/SP: Papyrus, 1993.
- . *Luz sobre a Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.
- Ruiz-Doménec, José Enrique. *El reto del historiador*. Barcelona: Ediciones Península, 2006.
- . “Sobre las mujeres en la Edad Media”. Em Almudena Blasco ed. *Entre Historias de la Edad Media*. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2011.
- Schneider, Norbert. *A Arte do Retrato. Obras-primas da Pintura Retratista Europeia (1420-1670)*. Germany: Taschen, 1997.
- Schwarcz, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Silva, Matheus Corassa da. “O Grande Cisma do Ocidente (1378-1417) em O Sonho (1399) de Bernat Metge.” *Medievalis* 2 (2012): 71-82.
- Toubert, Pierre. “O período carolíngio (séculos VIII a X)”. Em André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine Segalen & Françoise Zonabend dirs. *História da Família. 2. Tempos Medievais: Ocidente, Oriente*. Lisboa: Terramar, 1997.
- Veyne, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão [312-394]*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- Villacañas, José Luis. *Jaume I el Conquistador*. Madrid: Espasa Calpe, 2003.
- Villalba i Varneda, Pere. *Roma a través dels historiadors clàssics*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 1996.